



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**MIKAELLY FERNANDES DOS SANTOS**

**VOLTA SECA E AS “CANTIGAS DE LAMPEÃO”: UM OLHAR  
SERGIPANO SOBRE O CANGAÇO**

**SÃO CRISTÓVÃO  
2025**

**VOLTA SECA E AS “CANTIGAS DE LAMPEÃO”: UM OLHAR SERGIPANO  
SOBRE O CANGAÇO**

**MIKAELLY FERNANDES DOS SANTOS**

Trabalho de Conclusão de Curso para  
obtenção do diploma em Licenciatura  
Plena em História, correspondente ao  
período letivo de 2024.2 da Universidade  
Federal de Sergipe (UFS).

**Orientação:** Prof. Dr. Claudefranklin  
Monteiro Santos

**SÃO CRISTÓVÃO  
2025**

**Resumo:** O período do cangaço no Brasil se configura como um dos temas mais revisitados no campo da história do sertão, esse movimento atravessa o estilo de vida, economia, cultura e política, tal relevância se deve às múltiplas possibilidades de interpretações e abordagens que aguçam a curiosidade de pesquisadores. O período que configura o auge do cangaço se assemelha ao tempo em que Virgulino Ferreira, o Lampião, comandava o bando pelo sertão nordestino, entre eles o sertão sergipano. Sergipe foi um dos palcos em que o cangaço atuou, deixando na terra as suas marcas, sejam de sangue, de desejo ou de medo. Antônio dos Santos, o “Volta Seca”, foi um desses sergipanos que de alguma forma foram atravessados por essa marca, não somente como contemporâneo à época, mas como integrante do bando de Lampião e, de acordo com periódicos, até mesmo seu afilhado. O que teria criado esse desejo ao unir-se ao cangaço não é bem esclarecido pelo próprio “volta seca”, porém, suas marcas também permaneceram mesmo após o fim do cangaço em toda a sua hegemonia. A criação do álbum “Cantigas de Lampeão” representa a conservação da memória e a interpretação do cangaço através do olhar de Antônio dos Santos. Ao trazer cantigas e brincadeiras realizadas no acampamento, também configura uma aproximação do ouvinte com as peculiaridades que existiam no bando de Lampião, além da leitura, através de uma nova fonte, acerca do que ainda não conhecemos desse movimento e do sergipano no cangaço.

Palavras-chave: Cangaço, Lampião, Sergipe.

---

**Abstract:** The period of cangaço in Brazil is one of the most revisited themes in the field of the history of the backlands. This movement permeates lifestyle, economy, culture and politics. Such relevance is due to the multiple possibilities of interpretations and approaches that arouse the curiosity of researchers. The period that marks the peak of cangaço resembles the time when Virgulino Ferreira, Lampião, commanded the gang through the backlands of the Northeast, including the backlands of Sergipe. Sergipe was one of the stages in which cangaço acted, leaving its marks on the land, whether of blood, desire or fear. Antônio dos Santos, “Volta Seca”, was one of those Sergipe natives who in some way were affected by this mark, not only as a contemporary at the time, but as a member of Lampião's gang and, according to periodicals, even his godson. What would have created this desire to join the cangaço is not well explained by the “volta seca” himself, however, its marks also remained even after the end of the cangaço in all its hegemony. The creation of the album “Cantigas de Lampeão” represents the preservation of the memory and the interpretation of the cangaço through the eyes of Antônio dos Santos. By bringing songs and games performed in the camp, it also configures an approximation of the listener with the peculiarities that existed in Lampião's band, in addition to reading, through a new source, about what we still do not know about this movement and the Sergipe people in the cangaço.

**Keywords:** Cangaço, Lampião, Sergipe.

## **Apresentação**

A música está presente em nosso cotidiano desde cedo, das cantigas de ninar às rezas versadas em nosso leito, percebemos a influência e participação das cantigas tradicionais passadas de geração a geração. A presença dessa forma de arte se dá de maneira diversa em nosso país e, a construção de valores que uma música possa oferecer muito tem relação com seus ouvintes, ou melhor, está conectada proporcionalmente com a camada social em que se insere o consumidor. Faz parte do senso comum, portanto, que canções tidas como populares não desfrutam do mesmo prestígio dirigido aos compositores e músicos da era clássica, que trazem com seus arranjos diversidade de notas e conceitos musicais em suas produções. Partindo dessa concordância, podemos realizar uma ampliação dos fatos para as músicas sertanejas, as cantigas reproduzidas por aboiadores e violeiros, além dos cordelistas, através de suas rimas.

As cantigas de Volta Seca nada mais significam do que uma expressão artística muito já compartilhada e conhecida entre os moradores da região. Representa um apanhado de rimas e versos criados nos acampamentos que muito contam sobre o cotidiano e suas aventuras. O compilado dessas observações se apresentam, portanto, como um documento repleto de riquezas que nos auxiliam a pensar o passado e reinterpretar os acontecimentos através de uma análise minuciosa das canções e do que elas nos deixaram. Ter no estado sergipano um participante do cangaço que, em suas tentativas de se reinventar grava e compõe canções sobre momentos sensíveis e de sua experiência pessoal, é motivo de sobra para apresentá-lo, pôr à luz uma personalidade sergipana que, em meio aos seus discursos controversos, constitui o que teríamos de maior quantidade de informações e detalhes sobre o cotidiano dos bandidos/heróis, como preferir. Sua relevância ultrapassa as fronteiras das nossas terras, através dos relatos e canções de Volta Seca se apresentará também seus medos, receios e questões ainda não resolvidas. Um personagem possuidor de um cabedal de informações infundáveis, mesmo quando se esquiva da verdade.

Para além do reconhecimento desse importante ator social e uma trajetória do que significou o cangaço em Sergipe, suas andanças e relatos, a utilização da música auxiliará em compreender como a cultura participava desse movimento e como essa ideia musical existia antes do cangaço; através de cantigas, de músicas para trabalhar, rezas versadas e em momentos de diversão. A compreensão sobre a riqueza da cultura sertaneja em momentos conflituosos, seja para melhorar a situação ou dar mais garra e força também se

caracteriza como fatores importantes a serem destrinchados nas páginas que se seguem. A análise do álbum produzido por Volta Seca será realizada através de uma série de estudos acerca do cotidiano e das entrevistas cedidas por ele durante e após sua prisão, realizando também uma reinterpretação do passado ao observar mudanças e alterações nos testemunhos dado pelo ex-cangaceiro, com o objetivo de esconder ou dar seu posicionamento de modo que agrade ou convença seus ouvintes e leitores de sua inocência quanto criança. As canções por ele gravadas também serão utilizadas para a compreensão do cotidiano dos acampamentos, os desentendimentos e observação das relações e funções que cada integrante tinha no bando. O afastamento do viés polarizado que carrega a narrativa do cangaço também se torna um objetivo deste artigo pois, repletas são as prateleiras que buscam encontrar o vilão e o mocinho na história do Brasil, deixemos para eles essa incumbência.

Da mesma forma que acontece com a música no cangaço, é observada a presença, de maneira expressiva, das vestimentas e conceitos utilizados ao clarão do século XXI, acerca de valentia e coragem do “povo nordestino”, com ligação direta às heranças deixadas pelos cangaceiros. Muitas são as manifestações artísticas que compreendem o movimento como fator de orgulho e parte essencial do que configura o sertão do Nordeste brasileiro. Importante pontuar que são heranças que antecedem a presença do cangaço, porém, será neste movimento que encontrará ambiente favorável, fundindo-se à história daquele povo.

A trajetória do cangaço mostra-se importante para que possamos analisar também as repetições, controversas de discursos e longevidade do movimento, pois, é devido à uma série de fatores que teríamos o cangaço como um “problema” a ser resolvido por mais de uma década. O sucesso do bando de Lampião, por exemplo, só foi possível devido ao seu bom aprendizado sobre como funcionava a diplomacia, sua rede de coiteiros o sustentou até os últimos momentos, fato que só será percebido após a sua morte, quando Corisco, seu braço esquerdo, lidera os remanescentes; em suas mãos e sob suas ordens o cangaço não durará nem três anos, sua falta de conhecimento sobre acordos e concessão de favores auxiliará no declínio total do movimento que se encontrava de pé mesmo durante a Era Vargas.

Os conceitos sobre as motivações para entrada no cangaço, trabalhados por Pernambuco de Mello também se mostram essenciais e um importante ponto de partida para o estudo dos bandoleiros. O cangaço em Sergipe aproxima o contexto, apresenta como

esse movimento criou um ninho na região, quais fatores favoreceram esse sentimento de boa convivência na segunda fase do cangaço, com as divisões em subgrupos comandadas por Lampião. Sob a luz de Robério dos Santos, Ranulfo Prata e Estácio de Lima, apresentar-se-á também o personagem Antônio dos Santos, Volta Seca, sergipano de Itabaiana Grande, típico jovem que compunha, com tantos outros, o estereótipo da criança abandonada, com a perda de sua mãe, a apatia tornará a ser sua companheira.

O conjunto dos tópicos acima resumidos apresentam uma visão analítica das fontes e referências, além da presença de um olhar sergipano sobre o movimento do banditismo social em terras sertanejas. Como parte final do projeto, apresenta-se a análise da canção e da vida pessoal de Volta Seca, elemento central dos estudos realizados através desse trabalho. Se distanciando dos grandes nomes, a compreensão do teor participativo de Antônio dos Santos no cangaço torna-se componente essencial para desmistificar conceitos pré-definidos sobre a participação de Sergipe em eventos históricos.

## **1. Uma Historiografia do cangaço**

### **1.1 A violência como herança e seus herdeiros**

O cangaço, como hoje é conhecido, foi um movimento que atravessou diversos campos, sejam eles econômicos, políticos, culturais e sociais. Compreender o seu local de nascimento e contexto favorável para seu surgimento se torna imprescindível quando o objetivo é o conhecimento total do movimento de banditismo rural que ecoa até os tempos de agora. O surgimento de uma violência no sertão e sua legitimidade tem direta relação com o ciclo do gado nos períodos iniciais do Brasil Colonial; a utilização do sertão como um ambiente para a criação desses animais resultou num afastamento dos senhores de engenho do ciclo da cana – de- açúcar e das autoridades políticas. O sertão torna-se uma terra de ninguém, “sem lei nem rei”, como entrou no dito popular. Foi nessas terras, nestes costumes e a partir das brechas que ali ficaram que cresceu uma onda de vinganças e justiças com as próprias mãos. Para que esses episódios de violências não alcançassem os grandes fazendeiros, deles partiam a ideia de montar uma guarda, os jagunços, que ficavam à disposição de seu patrão com o objetivo de proteger suas terras de outros senhores ou até mesmo da própria população sertaneja. Além da proteção dos latifúndios, os jagunços também serviam como capangas, faziam, a mando de seu patrão, ataques contra outras fazendas, organizavam vinganças familiares; eram pagos para fazer o trabalho sujo.

Não é de se surpreender o modo como perdurou essa situação, pois, enquanto o litoral gozava dos privilégios, o sertão se via cada vez mais afastado das riquezas e regalias, além do monitoramento e administração política que se manifestavam na diferença observada entre grandes latifundiários e pequenos agricultores ou pecuaristas. A violência uma vez instaurada para - por mais irônico que venha a parecer - proteção e ordem seguindo uma norma sertaneja, não desgarrou de seus adeptos.

Nas insurreições que existiram durante a fase transitória do Brasil Império para a República, a resolução dos problemas partindo da própria comunidade não é algo singular, a utilização de armamento tão pouco, pois a utilização da violência se torna a única ferramenta possível, ou melhor, disponível para quem vivia à margem do povo do litoral e suas benesses. Unindo esse fato com a presença de jagunços e grandes coronéis, é a partir da conhecida República velha que iremos conhecer aqueles que levam “(...) *o peso da canga e o relâmpago do aço*” (MELLO, 2013, p. 27), os cangaceiros. Seu conceito atual se refere ao seu momento de auge, aos anos de ouro, literalmente por assim dizer, do cangaço, fase que Lampião e Maria Bonita fizeram história e deixaram marcas presentes até os dias atuais nas bancas de cordéis, músicas e livros.

O cangaço primitivo pouco tem de riquezas e hegemonia, se refere ao momento em que esses jagunços, capangas ou cabras, iniciam suas trajetórias independentes, seja dada por vingança, refúgio ou profissão, veem no cangaço uma forma de escapar da realidade que lhes é oferecida naquele meio. Do período que vai de Jesuíno Brilhante, considerado um dos primeiros cangaceiros, até Corisco, remanescente do bando de Lampião, pode ser notada uma linha cronológica deste movimento, como suas características em processo de evolução e a quebra de alguns conceitos e regras antes preestabelecidos.

Durante a passagem do tempo, houve diversos acontecimentos que demarcaram a diferença entre essas duas figuras de grande importância, a trajetória desses cangaceiros, apesar de nascidas de uma mesma ordem, é afastada através das mudanças políticas e individuais geradas de acordo com a linha de acontecimento de cada um dos integrantes do bando em relação à sua época. Durante esse longo período que dura o cangaço, nomes de grandes chefes cangaceiros ecoam nos cordéis, nas manchetes de periódicos e na boca de quem se tremia de medo ou de desejo em se tornar esse cabra valente tão temido por todos e, em muito dos casos, com razão.

Através de um líder, os integrantes formavam o seu bando e agiam em suas respectivas regiões, tornando-se cada vez mais famosos por seus feitos e assim criando a sua reputação. Dos nomes conhecidos um ganhou destaque, tanto na atualidade quando durante a época em que vivia, Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião. Desde o momento que assume a liderança do bando antes chefiado por Sinhô Pereira, se destaca perante os seus. É do senso comum que ele se tornou o nome mais pesquisado e procurado quando falamos acerca do cangaceirismo, ou até mesmo do sertão. É exemplo de valentia, coragem e também violência, atrai admiração e desprezo de pessoas diferentes que, a partir da análise comportamental e interpretação do que se qualifica esse movimento, defendem seu ponto de vista. De herói a bandido, Lampião e o cangaço compõem, no imaginário brasileiro uma imagem dual, como tantos outros personagens e períodos históricos que aconteceram ou se percebem contemporâneos.

De forma a referenciar um grande nome da pesquisa<sup>1</sup> sobre o movimento do banditismo rural, utilizo essas próximas linhas a discorrer das motivações que levaram alguns sertanejos a optarem pelo cangaço e as suas modalidades de se apresentar a partir de características analisadas e comentadas através da pesquisa de Pernambucano de Mello, onde explica e discute acerca das três formas básicas para a inserção dos cangaceiros, seriam eles o cangaço–meio de vida, cangaço por vingança e o cangaço–refúgio. Esses três modos observados pelo autor representa uma forma de caracterizar conjuntos com elementos semelhantes.

O cangaço serviria de ferramenta pela qual o ofendido poderia recorrer à sua vingança acerca de qualquer afronta que houvesse sofrido, pois, a moral sertaneja defendia a utilização da vingança por sangue sobre problemas “pessoais”. A decisão de entrar para o cangaço, entretanto, não viria somente pela busca de uma vingança pessoal, os nomes em destaque desse movimento, adaptando-se à vida do banditismo, voltavam e tornavam essa experiência como sua para toda a vida. A permanência no cangaço, assim sendo, dependeria diretamente das organizações psíquicas, de relacionamento, convivência e adaptação. Por este fator os indivíduos movidos somente pela vingança, ao realizá-la, abandonavam o posto de cangaceiro, pois, essa qualificação fora utilizada apenas como instrumento, o objetivo não estava no “tornar-se” cangaceiro, e sim no emprego da posição à eles atribuída. Além da vingança e do meio de vida, o cangaço representou também para

---

1 MELLO, Frederico Pernambucano. Aspectos do banditismo rural nordestino. *Ciência & trópico*. [S. l.], v. 2, n. 1, 2011. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/131>. Acesso em: 14 fev. 2025.

alguns de seus integrantes, um refúgio, uma possibilidade de fugir, através na inserção no bando, de crimes cometidos ou até mesmo da situação de abandono ou falta de oportunidades que é o caso do cangaceiro Volta Seca, que entra para o cangaço ao final de sua infância. Há um ponto ainda a ser citado acerca das motivações que se detém sobre o cangaço como forma de vingança que “(...) registre-se não ser fenômeno inteiramente extinto nos dias correntes, sendo ainda possível flagrá-lo, embora o seu reapontar se faça esporádico e quase sempre fulgaz” (MELLO, p. 68).

Os tipos de cangaço, resumidos em motivações muito explicam acerca da continuidade e chefia de alguns líderes. Ao tirarmos como exemplo o Sinhô Pereira, único chefe que Lampião conheceu, observamos que, após finalizar sua vingança e atingir idade avançada, retira-se de seu posto como chefe para seu fadado sucessor. A saída do cangaço, entretanto, não se mostrava fácil e tranquila, era somente concluída com a saída do cangaceiro de suas terras, seu sumiço do sertão para outros ares, de preferência que não fossem os mesmos respirados pelas volantes. A vida perigosa pouco enchia os olhos dos jovens sertanejos, porém, através de 1919, o cangaceirismo profissional, como estilo de vida e emprego, obteve considerável expansão.

## **1.2 De almocreve a Capitão**

Nascido em Pernambuco, Serra Talhada no dia 04 de junho de 1898, como consta em sua certidão, quisera o mundo que tornasse a ser o símbolo do cangaço. De origem humilde, cresce não muito diferente de seus contemporâneos, com seus irmãos divide uma casa comum do sertão nordestino. Seus pais, donos de algumas propriedades não foram alfabetizados, porém Virgulino tivera essa oportunidade. Na adolescência trabalhava com seu pai, José Ferreira como almocreve, conduzindo bestas de cargas. Observou de perto as brigas de seus familiares com Zé Saturnino por terras, acusações de roubos de animais e invasão de territórios.

O ano de 1919 marca a sua entrada para o cangaço no bando de Sebastião, o Sinhô Pereira em conjunto com seus dois irmãos. Dois anos depois ocorreu a primeira tragédia anunciada, a morte de seu pai, José Ferreira, no dia 18 de maio de 1921, portanto, a entrada de Lampião não foi motivada pela vingança, mas, após a morte de seu pai, ele havia declarado, através de um juramento, que sairia dessa vida apenas quando morresse e dessa maneira se sucedeu. Nesse contexto assumiu posição de destaque no bando do Sinhô Pereira, desenvolvendo uma forte rede de coiteiros que o ajudaria a trilhar o sertão

nordestino de ponta a ponta sem muitos percalços. Sebastião pereira então vê em Lampião o seu sucessor legítimo quando se retira da vida do cangaço em 1922. Ao iniciar seu “governo” pela primeira vez observamos que através de sua liderança há uma quebra no ideal de cangaço somente como instrumento de vingança, o foco agora estava na pilhagem, prova disso é a primeira investida como chefe em Alagoas. Com todos os seus aprendizados, ajudou a formar a estética do cangaço, trazendo marcas que no presente ainda se encontram relacionadas com esse movimento, como o xaxado, as vestimentas e qualidades atribuídas, como valente e destemido, que passaram a ser sinônimos de nordestino.

### **1.3 Trajetórias entre o Estado novo e reinvenções**

Do período de 1923 a 1926 já estaria lampião também produzindo e solidificando acordos com coronéis e chefes políticos que o ajudaria na manutenção do poder e abririam as fronteiras entre um estado e outro. Em 1926, mesmo com o isolamento do sertão em relação ao restante da federação, haveria um encontro de histórias que, num mesmo contexto reuniria Carlos Prestes, Floro Bartolomeu, Lampião e o Padre Cícero. O movimento tenentista cruzaria as fronteiras que dividem litoral de sertão e no ano anunciado colocaria seus pés no Ceará através da Coluna Prestes, iniciada em 1922. Luís Carlos Prestes, cederá seu nome para o movimento que teve início com tenentes, pertencentes à casta menor de militares, que se encontravam insatisfeitos com a República Velha. Após a arruinada tentativa de golpe com os 18 do forte de Copacabana, houveram represálias e, Carlos Prestes é enviado ao Rio Grande do Sul com mais alguns tenentes, para uma localidade que, por ironia do destino foi local de nascimento do seu rival/companheiro Getúlio Vargas; o município de São Bórgia. Será desse local que será formada a Coluna Prestes, caminhada que visava percorrer o Brasil, foram aproximadamente 1500 integrantes que percorreram 25 mil km por essa marcha.

Através da mitologia e a tão precoce presença do “fantasma do comunismo”, o governo e seus apoiadores se colocavam dispostos a acabar com a Coluna levantada, disseminando notícias cobertas de inverdades para a população. Foi nesse cenário que a marcha chegava ao Ceará e encontraria seus próximos personagens. O padre Cícero, personalidade cearense a quem Lampião conservava muita admiração e respeito, orientado por Floro Bartolomeu, - deputado federal e grande influenciador político, resolve realizar um convite a Lampião com o objetivo de tentar convencê-lo a defender o Ceará das

investidas do tenentismo, promete patente de Capitão dos Batalhões Patrióticos e o enche de armas e munições autenticadas do Governo. Lampião se organiza, aceita participar, vai ao Ceará e recebe os materiais para ele e seu bando, assim como as informações e instruções, chega a retirar uma foto fardado e armado a caráter, porém, ao saber as motivações dos tenentistas e descobrir que de nada lhe valia a patente, sai dessa situação e continua no cangaço com o armamento bélico recebido diretamente das forças militares, o que de certo modo facilitou a realização de diversas investidas sobre fazendas, propriedades públicas e privadas devido à autenticidade destas armas.

A trajetória de Lampião e a de seu bando também enfrentou, além dos benefícios chegados de mão beijada, algumas baixas significativas, destacando-se a derrota que deixa uma marca na história do cangaço e da pequena cidade do Rio Grande do Norte, Mossoró, em 1927. Em 12 de junho no início do dia, já se ouvia falar da ameaça de invasão dos cangaceiros, as famílias já iniciavam suas mudanças, a estação ferroviária se encontrava lotada e, os coronéis já buscavam proteger suas propriedades, foi nesse momento que o Coronel Antônio Grugel estava na estrada, em direção à sua propriedade, visando proteger sua esposa e fugir o mais breve possível (BEZERRA, 2010).

Nesse exato momento é sequestrado com mais dois de seus irmãos, onde seu valor de libertação é levado para o gerente do Banco do Brasil em Mossoró; Jaime Guedes, que prontamente respondeu “(...) *estamos dispostos a recebê-los na altura em que eles desejarem*” (BEZERRA, 2010, p.15). Nessa situação, a prefeitura iniciou sua preparação convocando uma reunião de emergência com os cidadãos que ficaram na cidade com o intuito de defender a população e os bens do município, decidem, através da reunião, solicitar às autoridades apoio e suporte no que precisam. As solicitações são negadas e eles resolvem solucionar por conta própria. Tudo foi devidamente arquitetado, logística, trincheiras; todos estavam preparados para receber e defender suas terras do ataque eminente, a cidade estava vazia, grande parte da população tinha abandonado suas casas e as pessoas com menos condições financeiras optaram por se esconderem nas matas a dentro, atitude tomada também por quem não teve tempo de realizar sua viagem, como fez a cidadã Tionila Barra, grande proprietária que se encontrava na “lista de desejos” do bando de lampião sobre fazendas e casarões a serem extorquidos

Na manhã de 13 de julho, entravam os cangaceiros na cidade, que, recebidos em planejada calma, sentiam-se confortáveis para invadir as casas e cometerem seus primeiros crimes, roubando e depredando as propriedades. Como um lampejo do céu,

estronudou o primeiro tiro e daí por diante iniciou o revide de uma população devidamente armada contra os cangaceiros que se encontravam cansados de grande caminho percorrido, ao serem pegos dessa forma, algumas perdas significativas aconteceram e o saldo foi negativo pela primeira vez para os cangaceiros; dois cangaceiros mortos e Jararaca preso, além de desertores, que em vista da derrota sofrida, voltaram às suas vidas normais. A partir dessas informações, Lampião decide por cessar a investida e se retira com seu bando. Esse episódio atravessaria o cangaço e a cidade de Mossoró de maneira inversa. Para o bando de Lampião, seria um momento vergonhoso, onde fugiram de “simples” moradores, já para a cidade, ainda hoje é motivo de orgulho, o povo mossoroense se tornou sinônimo de coragem.

Seguido deste episódio, seria para a Bahia a direção de Virgulino e sua tropa, lá o cangaço reencontra através das relações construídas com as elites tanto políticas quanto econômicas das localidades em que se estabelecia, a possibilidade de reinvenção do cangaço. É certo que Lampião defendia interesses próprios e, portanto, se via obrigado a construir pontes e gerir vínculos “profissionais”. O lugar de gestão muito lhe caiu bem ao final de seu “governo”. Já cansado e não mais ativo quanto antes, Virgulino agora comandava seu grupo que contava com mais de 40 homens e respectivas esposas, pois, foi na Bahia, em 1930 que conhece Maria Bonita, companheira que com ele viveria o melhor e o pior dessa vida. Ao encontrar uma companheira, cabia ao Capitão autorizar também a entrada das demais esposas de seus rapazes no cangaço.

No papel de Capitão, começou a gerir o grupo através de subdivisões, escolhe três entre os seus e os divide na faixa que vai de Alagoas a Bahia, ainda focando na pilhagem, mas de forma menos participativa. Em 1933 alguns de seus homens são pegos; Zabelé, Azulão, canjica e Dória são emboscados e mortos com suas cabeças decepadas. Era prova de que a “paciência” já havia tido seu fim, a partir do governo ditatorial de Getúlio Vargas, essas medidas serão tomadas com maiores frequência. Um ano após esse acontecimento, por exemplo, seria entregue à Câmara Federal, através da bancada pernambucana, um plano de combate e extermínio do cangaço; a único entrave para imagem de um governo que buscava sempre se manter desgarrado do regionalismo, principalmente rural, que era colocado como sinônimo de atraso, de incivilizado pela ainda forte presença da violência. Esse não se configurava um pensamento apenas das bancadas da Câmara Federal, ao assumir a presidência do Brasil, Getúlio Vargas propõe uma manutenção da unidade nacional através do combate do regionalismo e restrição do poderio, na pretensão do fim

do caudilhismo regional, ocasionado pela centralização de poder. Um acontecimento que vai completamente ao contrário das propostas da ditadura varguista será a sessão de fotos e produções de vídeos de Lampião e seu bando comendo, vestindo e bebendo do melhor que poderia a vida oferecer. Não estavam eles, em 1936 fadigados, fugidos ou enfrentando necessidades e a fome do estereotipado sertão nordestino, muito pelo contrário, não poderiam estar melhores. Ostentavam caras bebidas, comidas, colares e anéis de ouro e pedras preciosas. Essas imagens, após divulgadas começaram a veicular nos mais diversos jornais da época, em todo o Brasil se comentava que no sertão Lampião estava vivendo como, ou até melhor que um civil trabalhador.

#### **1.4 O caminho para o fim**

Os momentos que marcaram a história de Lampião e o seu bando após 1936 pouco melhoraram, é certo que, através das alianças formadas e da presença de coiteiros havia uma colaboração e facilitação de caminhos, investidas e deslocamentos, o que fez o cangaço perdurar mesmo quando sob ameaça militar. Porém, as afrontas, bilhetes assinados de próprio punho por Lampião, manchetes de jornais ridicularizando o policiamento das localidades, atrapalhavam a construção do ideal de Estado Novo, hora arquitetado por Getúlio Vargas, era chegado o momento de pôr um fim nessa situação. Dessa maneira deu-se as primeiras movimentações para que o projeto fosse seguido. A criação das volantes<sup>2</sup> militares fez parte dessas inventivas do Governo, essas forças especiais tinham a autorização de trafegar pelo sertão brasileiro, de um estado para o outro sem a necessidade do respeito através de jurisdição.

Foi deste modo que se iniciou o fim do cangaço. No dia 28 de julho um dos coiteiros de Lampião sai para a feira na cidade de Piranhas fazer compras de mantimentos solicitados pelo bando, que se encontra escondido nas margens do rio São Francisco, do lado sergipano, em Poço Redondo. De acordo com conversas ouvidas, a polícia arma um plano informando que souberam de alguém que Lampião se encontrava em localização distinta da real, já sabendo da verdade. O seu coiteiro vai até o Capitão e o informa dessa novidade, pede e orienta para que fique tranquilo e assim sucede. São pegos de surpresa no cair da madrugada, quando já dormindo, descansavam na gruta do angico, local antes já

---

<sup>2</sup> No futebol o papel do volante está diretamente relacionado à dinâmica de jogo a partir da criação de jogadas devido à possibilidade de movimentações. O volante no futebol e o volante das forças especiais do cangaço conversam a partir das atribuições de suas funções, onde se torna possível uma performance ativa.

agourado por Corisco, que, como que um presságio, afirma não acompanhar o bando naquele momento.

Dos cangaceiros que estavam ali, 11 morreram, além de um soldado da volante. 20 conseguiram fugir, mas a desgraça já havia sido feita; foram mortos Lampião e Maria Bonita. Corisco ainda continua na lida, decide não se entregar, diferente de tantos outros desertores, mas encontrará a sua morte não tão distante de 1938, virá a falecer no dia 25 de maio de 1940, aos 32 anos na Bahia. A partir de 1940, o que pode ser visto é o fim do cangaço, do que dele havia sobrado e ainda se rastejava desde 1938 com a morte de quem um dia foi braço direito do já falecido capitão agora com ele se juntara. Seria a última pá de terra sobre um dos maiores movimentos presenciados pelos sertanejos, acabavam ali Corisco e os cangaceiros, mas não o cangaço.

## **2. O cangaço em Sergipe:**

### **2.1 O fim.**

Lampião foi um pernambucano morto pela polícia baiana, com o auxílio das forças alagoanas no Estado de Sergipe. Este enredo nada mais seria do que a representação de como se estabelecia o funcionamento de sua vida. Sua influência, rede de coiteiros e estratégias herdadas de ancestrais, nada valeram no fatídico 28 de julho de 1938, data que marcaria a morte do “Capitão” do Sertão e de seus desvalidos parceiros. Na caída da noite do dia 27, Lampião e seu bando realizavam a travessia do caudaloso rio São Francisco, entre Alagoas e Sergipe, precisamente em Poço Redondo, onde buscavam um coito para que pudessem se instalar. Quisera o destino que, em uma das embarcações que faziam a travessia, estivesse uma banda composta por músicos de jazz, foi provavelmente o último contato feito por eles com novas pessoas. Após isto, atravessariam o rio dias depois completamente diferentes de como foram; suas cabeças – e apenas elas – voltariam para Alagoas e viajariam por vários estados num desfile macabro. Chegando no coito, antes já agourado por Corisco como local de mau presságio, esfriaram o sangue, organizaram a “feira” com o coiteiro que ali perto morava; Pedro de Cândido, e se organizaram no entorno da gruta do Angico, local fechado que muito se assemelhava a uma vala. Através de burburinhos entre feirantes e clientela, os policiais passam a notar com mais cautela as movimentações de Pedro de Cândido, e, com um planejamento calculado, as volantes passam a espalhar que receberam um bilhete informando que Lampião e seu bando

estariam bem distantes dali e fingem partir para pegá-lo. Ao ouvir essa história, Cândido resolveu informar aos cangaceiros as boas novas. Nisso, todos relaxaram e passaram a cuidar de outros serviços. É deste modo que serão pegos na gruta do Angico, em Poço Redondo, município sergipano, iniciando o que marcaria o fim do cangaço.

O Alto Sertão sergipano, para além dos últimos suspiros do cangaço, foi o cenário para diversas investidas que aconteceram em seus municípios localizados na região sertaneja. A primeira denúncia acerca da presença de cangaceiros se direcionava ao ano de 1909, no dia 16 de agosto. Portanto, não teria sido somente ao raiar dos anos 30 que o cangaço havia dado as caras em Sergipe, sua presença se dá antes mesmo até da entrada de Lampião para a vida do banditismo. Esta região com densa vegetação foi espaço para confrontos desde sua colonização, marcada pela forte resistência indígena, que apresentou reação às investidas portuguesas através de seu conhecimento bélico e geográfico, traquejo que seria herdado pelos sertanejos e cangaceiros. A forma de combate dos *tapuias*<sup>3</sup> e manejo com a vegetação, roçado e modo de vida nômade, além das estratégias de como conseguir alimentação e bebida numa região com algumas adversidades, serviriam, anos mais tarde, como sobrevivência para quem ali permaneceu. O sertanejo, portanto, seria a junção de heranças e construção de uma identidade que muito se diferenciava da formação identitária do brasileiro do litoral, suas lutas e realidades seriam tão distantes que ainda hoje são espelhadas em produções de filmes e novelas, reforçando o ideário do personagem nordestino – assunto para um outro artigo. A região do sertão, como comentada inicialmente, passou por um episódio de abandono por parte de seus líderes, situação comentada por um dos maiores nomes quando falamos do cangaço, Ranulfo Prata, sergipano e contemporâneo de Lampião, em seu documentário nomeado “Lampião”, já realizava essa denúncia. É pontuado em sua obra o descaso e abandono da região do sertão em relação às outras partes do Brasil, assim como a necessidade da presença e ação do Governo para as necessidades daquela região: “*O sertão é Brasil, queira-o ou não a tacanhice de certos espíritos. Assim, não podemos ser largados aos azares da sorte vária, como se fôssemos peso morto*” (PRATA, 1933. pág. 18).

---

3 Nomenclatura usada para se referir aos povos originários que não pertenciam à língua Tupi - Guarani. Se caracteriza como um termo usado para diferenciar povos num sentido de superioridade, como a utilização do termo *Bárbaro* pelos Gregos. Portanto, os *tapuias* estariam sendo colocados com inferiores em relação aos povos da família Tupi – Guarani.

## **2.2 Andanças do Capitão.**

Em terras sergipanas o cangaço se introduziu, foi através de projetos de lei criados no período Vargas que surge uma onda de instabilidades no campo do cangaço, em conjunto com ressentimentos formados no movimento da Coluna Prestes. Lampião e seu bando decidem sair de suas terras e se instalam por outros estados do nordeste, com isso, em 1926, partem e se estabelecem entre Alagoas e Bahia numa repaginação do cangaço, que agora contava com a divisão de subgrupos. Por Sergipe passam por alguns municípios que se localizam no alto sertão, como as cidades de Porto da folha, Canindé de São Francisco e Capela, que serão marcados pela presença do bando de Lampião e até de quem por ele se passava para ganhar credibilidade.

A partir de 1929, surgem os primeiros relatos do bando do Capitão Virgulino na cidade de Carira, e no município de Capela no mesmo ano, onde realizaram saqueamento nas cidades e deixaram, desde suas primeiras investidas, admiradores. No dia 25 de novembro de 1929, por exemplo, através de seus bilhetes para o prefeito capelense, o convoca para uma “reunião” onde, após seu término, assalta os moradores, passeiam no bordel, andam com os carros roubados. Esses admiradores não estariam presentes na cidade de Pinhão, no ano de 1930, pois os saques acontecidos nesta cidade se deram de maneira mais agressivas, assim como também em Canindé um ano depois, que teve como saldo negativo para o município a delegacia da cidade incendiada e assalto nas usinas de açúcar.

Em 1932, por exemplo, através da batalha de Maranduba, localizada em Poço Redondo, aconteceu um episódio sangrento que ainda hoje pode ser visitado e suas balas encontradas. Com a divisão do bando de Lampião em subgrupos, eles tinham a autonomia de praticar seus crimes a mando do capitão. Em Maranduba os cangaceiros chefiados estavam descansando quando perceberam a chegada dos macacos. Ao notarem a chegada, se organizam taticamente e utilizaram os famosos sete umbuzeiros que ali até hoje estão em pé, como trincheiras. O grupo policial de Manoel Neto, os pernambucanos Nazarentos não seriam suficientes para parar o contra-ataque, por fim deu-se empate, o grupo de Manoel Neto perde a batalha, mas, no dia 09 de janeiro de 1932, os cangaceiros também saíam com uma baixa de três cangaceiros, além da desistência, no mês seguinte do jovem Antônio das Pintas, o Volta Seca.

Ainda no mesmo ano, sob o comando de Zé Baiano, Canindé de São Francisco iria passar por um episódio que ficaria marcado na história. Ao passar pela cidade e cometer os assaltos aos cidadãos, Zé Baiano ferrava três mulheres com ferro de marcar gado, por estas serem esposas de policiais. Episódio digno de novela das sete, coube ao ex-proprietário da fazenda ter as iniciais do algoz; JB. A marca ficaria presente na face de Maria Marques [p. 4, fig.1], Anízia e Izaura. Mesmo com a presença dos mitos acerca do ferro não houve mais relatos além deste em Canindé. Nos nomes de Lampião muita coisa também se fazia e dizia, como temos o exemplo do personagem “Corisco Preto”, cangaceiro sergipano, nascido Manoel Luiz de Jesus, natural de Frei Paulo, região que divide o sertão e o agreste sergipano. Em 04 de janeiro de 1931 o “Corisco Preto” chega em Frei Paulo se dizendo cangaceiro de Lampião, seu embaixador. É certo que nessa época já acontecia a divisão de subgrupos, porém, não há registro oficial de uma ligação com o bando original. Porém, mesmo sob dúvidas, realizou saques com essa alcunha, a de cabra de Lampião o que o auxiliava com a capitalização dos bens. Em Porto da Folha e Aquidabã os subchefes também passaram. Houveram baixas de ambos os lados, como por exemplo o combate ocorrido na cidade de Porto da Folha que teve como saldo as cabeças de cangaceiros cortadas na fazenda Cangaleixo através da tropa de Zé Rufino, grupo policial mais eficiente no combate ao cangaço. A fotografia das cabeças de Mariano, Pai veio e Zepellin fazem parte de uma prática que, com o perdão do anacronismo, da mesma forma que a crucificação, não foi um castigo direcionado para uma pessoa em específico, mas por ela seguirá lembrado, foi realizada pelo Libanês Benjamin Abrão Botto, que, em 1936 estaria no seu retiro com os cangaceiros, realizando fotografias e produções de filmagens.

A relação para que o bando, de alguma maneira, se sentisse à vontade no estado sergipano é pauta em algumas obras, destacando-se o livro do sergipano Ranulfo Prata (1933), que, durante sua denúncia ao cangaceiro lampião, relata que o que vemos é um aproveitamento da situação política em que se encontrava o estado de Sergipe aos minutos iniciais do Estado Novo, onde o sentimento de instabilidade pairava na região, além da seca que assolava grande parte do sertão nordestino. O êxodo, as falhas tentativas em acabar com o cangaceirismo e tudo que ele representava para a nova República, foi de certo modo fadigando quem estava nessa batalha há anos.

**Figura 1: Foto de Maria Marques reproduzida no Memorial de Sergipe**



Fonte: JM Gráfica & Editora, 2014. <sup>4</sup>

### **2.3 À sombra dos coitos e dos coiteiros**

Gerindo acordos e parindo coiteiros, é a forma mais completa e visceral do cangaço a partir de 1926. Foi através da diplomacia de Lampião, do apoio popular encontrado nas regiões sergipanas e nas boas relações com a classe dirigente que a continuidade do cangaço - mesmo durante a Era Vargas - foi possível de acontecer. Seja por medo ou admiração, é certo que a presença dos coiteiros se dava de maneira escrachada até mesmo por parte dos policiais volantes de Sergipe. As relações amigáveis com as famílias Brito e Carvalho, personagens das altas esferas do estado, também são fatores importantes para que esse movimento perdure nos anos 30.

Quando Virgulino, através de suas longas viagens, ainda no papel de almocreve, junto com seu pai, conheceu os estados do nordeste, vendendo artefatos e utilidades para a população sertaneja. Traçaria anos depois cada um daqueles cantos, agora como Lampião, o capitão temido por todos. Durante essas andanças fazia conhecidos e amigos que no futuro muito lhe serviriam, como o exemplo de Antônio Caixeiro, pai do governador sergipano Eronildes de Carvalho, que governava na década de 30 e, desta forma, portanto, se configurava como a maior rede de apoio que Lampião poderia obter no estado sergipano. Eronildes de Carvalho, natural do município de Canhoba foi um dos governadores que assumiram a presidência do estado de Sergipe nos momentos turbulentos. De 1935 a 1937,

---

4 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-21862016000100004>. Acesso em: 04 de mar. 2025

o que era para ser um governo provisório, tomou forma e se transformou num ambiente propício para Lampião reinar. Grande coiteiro do Capitão, foi através de Eronildes que aconteceram facilidades para travessias e esconderijos. Essa aliança é percebida até mesmo em 1938 pois, mesmo em território sergipano, não viria através de volantes da terra o massacre que se deu em Angicos.

Os acordos criados refletiam na liberdade que os cangaceiros tinham ao traçar as cidades sergipanas cometendo delitos e participando da vida boêmia, nos cabarés, bares e até cinemas. Era comum que, após assaltos às cidades, eles não fugissem às pressas, daquele povoado aproveitavam o que tinha a ser oferecido – ofertados não necessariamente de maneira voluntária. As amizades e diplomacia acompanharam Lampião até seus últimos momentos. Seria entregue por Pedro de Cândido apenas, após grande investida das volantes, que se valiam das truculentas sessões de tortura. E deste modo se deu.

#### **2.4 O galardão.**

Em Angicos, no ano de 1938, após o massacre e decapitação das cabeças, acontece uma série de deserções por parte dos sobreviventes e dos que ouviram falar sobre o que aconteceu na gruta de Poço Redondo. Os desertores são muitos, se entregam e participam de acordos que negociam o tempo de prisão, como também o tratamento que aqueles desafortunados teriam durante o tempo que passassem encarcerados. Através de estudos realizados sobre os ex-cangaceiros no Instituto Médico Legal Nina Rodrigues, foi notado a mudança e melhoria de comportamento, os ex-cangaceiros não davam trabalho ou apresentavam resistência e desejo em voltar à vida que viviam, cinco anos era tempo suficiente para que se encontrassem em bom comportamento. Sua ressocialização era possível e atingida. Em muitos casos, se tornariam, após a liberdade, cidadãos comuns, formavam suas famílias e viviam em plena tranquilidade, sem retorno ao encarceramento. Volta Seca, o menino cangaceiro, foi um desses personagens que marcou sua saída através da prisão, para nele não houve a oportunidade de se entregar. Em 1932 foi levado para Salvador, onde foi preso e indiciado por crimes cometidos em Queimadas. Condenado por 121 anos de enclausuramento, é defendido por Estácio de Lima em seu livro “Volta Seca e o estranho mundo dos cangaceiros” e solto após pagar 20 anos de prisão. Volta Seca é o personagem que apresentaremos no capítulo seguinte, com suas excentricidades e normalidades que toda criança sertaneja viveu.

### 3. Um olhar sergipano sobre o cangaço.

#### 3.1 De herdeiros a “*de cujos*”<sup>5</sup>

Para além das passagens do bando, das pilhagens e atrocidades cometidas, e, distante da ideia de herói e bandido, trago, neste capítulo o viés cultural, as heranças dos desvalidos cangaceiros e sua contribuição para o cenário brasileiro e a memória de um povo. É certo que o coronelismo, o cotidiano da vida rural e o surgimento de personagens de caráter messiânico<sup>6</sup>, como Antônio Conselheiro, Padre Cícero e Lampião, contribuíram para uma cultura local que evidenciasse a importância desses acontecimentos, movimentos e personagens, através da música e literatura, como o xote, xaxado, baião, e o cordel, que, através da união dos fatos acima comentados e presença do misticismo e fé católica, herdada dos portugueses, criam o ideário do nordestino, do sertanejo forte e orgulhoso de suas raízes. Entre as manifestações artísticas que reúnem as formas e técnicas de pintura, estruturação de textos e rimas, ritmo musical, dança ou vestuário; falemos da música.

A música nordestina é muito conectada aos instrumentos presentes em festejos juninos, como a zabumba, triângulo e sanfona, esta última imortalizada e popularizada na região do nordeste através do mestre Luiz Gonzaga. Também se apresenta a herança – mais uma vez - dos povos originários com instrumentos de sopro, como o pífano. Muitos artistas se destacaram na composição de canções, relatando a vida no sertão, as dificuldades e abordando temas comuns para quem participa do cotidiano sertanejo; a lida com o gado, o êxodo rural e as belezas encontradas, sejam na diversidade da fauna, quanto da flora, com seus cactos, umbuzeiros, baraúnas. Muitos músicos se deleitaram a explicar e cantar as belezas do sertão (JATOBÁ, 1984)<sup>7</sup>:

Que quando chegar a hora  
É certo que não demora  
Não chame Nossa Senhora  
Só quem pode nos salvar  
É caviúna, cerejeira, baraúna  
Imbuia, pau-d'arco, solva  
Juazeiro e jatobá

---

5 Termo jurídico utilizado para se referir ao autor da herança.

6 A necessidade de um personagem, um ídolo se fez presente em muitos períodos no Brasil – fator ainda latente.

7 Interpretada por Elomar, Geraldo Azevedo, Vital Farias e Xangai no álbum *Cantoria 1*.

Gonçalo-alves, paraíba, itaúba  
Louro, ipê, paracaúba  
Peroba, massaranduba  
Carvalho, mogno, canela, imbuzeiro  
Catuaba, janaúba, aroeira, araribá.

A presença da música é observada tanto nos momentos de diversão quanto de trabalho, como os cantos de aboio, que servem como ferramenta para direcionar e coordenar a criação de gado do fazendeiro, cantada pelos seus trabalhadores. O canto de aboio traça a ponte entre trabalho e misticismo, pois é de conhecimento que os cantadores estão perto dos encantadores e, através de seus encantos ao chamar o boi, não o perdem de vista. A toada também é uma arte sertaneja muito apreciada nas festas de vaquejada, onde, através dos versos cantados, emoções são observadas pelos mais valentes vaqueiros. Para os meios recreativos, é observado na obra de Câmara Cascudo<sup>8</sup> a presença dos cantadores e violeiros nas festas religiosas e feiras da comunidade cantando seus versos através de uma perspectiva exagerada e teatral, com o intuito de atrair ouvintes e leitores dos famosos cordéis.

No ambiente do cangaço não seria dado de outra maneira, são diversos os vestígios de arte que se propagava e lá era criada. As músicas exaltando Lampião, Corisco, Maria Bonita e tantos outros integrantes não se vê difícil de achar, os cordéis, filmes e novelas também compartilharam da mesma nascente; são inúmeros os projetos a serem encontrados que se deleitam pelas temáticas e características direcionadas ao sertão e ao cangaço. Porém, entre todos os criadores e produtores dos quais temos conhecimento de existência, um se destaca neste artigo. Será através dele que tivemos o maior número de entrevistas sobre a experiência no cangaço - mesmo que contraditórias -, conteúdo a ser discutido mais a frente, detalhes de como funcionava a estrutura do bando de Lampião, e, por fim, a força motriz para a elaboração do presente artigo; a gravação do álbum com músicas cantadas entre embates e durante períodos de intervalo entre eles. Volta Seca e as “Cantigas de Lampeão” são representações do cangaço e de Sergipe nesse movimento além do extermínio em Angicos.

### **3.2 Antônio dos Santos**

---

8 CASCUDO, L. C. Vaqueiros e cantadores. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1984.

Para o sexto de treze filhos, Antônio dos Santos nada apresentava que o diferenciava das crianças de sua época, era um garoto pequeno, magro e de pele negra, vivia com seus irmãos, seu pai e sua mãe na cidade de Itabaiana, agreste sergipano. Nasce em 18 de março do ano de 1918, filho de uma dona de casa e do proprietário de um sítio antigo, de onde tiravam o sustento. Ainda criança perde sua mãe, começando a trajetória para sua desgraça. Se antes desse episódio já se colocava introspectivo, essa situação só teria pioras com o falecimento de quem lhe dera afeto e amor, muito citado pelo saudosista Volta Seca ao lembrar de suas histórias da infância numa entrevista concedida em 1958, através do jornalista Bruno Gomes para o jornal O Globo.

O seu pai traz uma mulher, que viria a ser sua madrasta, com todos os adjetivos e motivações dessa palavra. Batia em seus irmãos e, ao ameaçar Antônio, esse começa a nutrir um ódio genuíno pela mulher. Foge de casa após desentendimento e vai para a cidade de Pinhão, cerca de 50 km de distância. Foge para a casa de um tio, mas o seu pai consegue encontrá-lo e traz de volta para casa. Numa segunda tentativa, parte para Aracaju, vive pela cidade vendendo doces por seis meses, e logo é esquecido por seu pai. Após alguns problemas, parte para Simão Dias e começa a trabalhar num armarinho, por lá não se demora tanto e sai de Sergipe para o arraial de Guloso, no estado da Bahia, onde começa a trabalhar no roçado, para uma família estruturada e feliz, com todos os componentes tradicionais; pai, mãe e filhos. Será nessa fazenda que seu caminho atravessará com o do Capitão do Sertão; Lampião e seu bando.

Entraram no caminho de Antônio dos Santos os cangaceiros. Seu primeiro trabalho seria o trato dos animais, banhar e fazer a limpeza. Ao final de seus 10 anos conheceu o caminho do cangaço, que seguiria até os 15 anos. Nesta entrevista afirma que foi levado a contragosto, que já estava se afeiçoando à família, mas, segundo relato de outros cangaceiros, ele se voluntariou a participar do bando. Não será somente esse momento que teremos discursos controversos do personagem.

### ***3.3 Bandoleiro de fuzil marchetado, facão de três palmos e cartucheira cruzada.***<sup>9</sup>

Seu batismo no cangaço aconteceu aos seus 12 anos de idade, primeiro momento em que participa de uma ação com o bando. Após receber instruções e aulas do próprio Lampião, sobre como atirar e se portar em meio aos combates, Volta Seca – alcunha

---

9 Retirado da narração de Paulo Roberto, na faixa 6, intitulada “Sabino & Lampião” do álbum Cantigas de Lampeão (1957).

recebida pelo Capitão – estaria pronto para sua primeira experiência. A partir desse momento deixava de ser o Antônio das Pintas, cuidador dos animais dos cangaceiros. Era integrante do bando, um dos mais assustadores conforme histórias populares, mesmo que ainda que menino. De qualquer modo, Volta Seca será lembrado por policiais e civis como um dos cangaceiros com mais requintes de crueldade que poderia ser noticiado, embora o mesmo, em suas entrevistas, renegue essa posição no bando se colocando, muitas das vezes como um mero observador. Embora disponham de uma importante linha cronológica dos fatos, as entrevistas concedidas por Antônio dos Santos não podem ser interpretadas como realidade inflexível, o que foi realizado, além do estudo da linha temporal do ex-cangaceiro, foi a análise das motivações que o levaram a alterar seus discursos e se distanciar dos acontecimentos. Essas posições e discurso de distanciamento e representação de inocência por parte do entrevistado significa além de uma mentira, representa seu medo da volta para a prisão e do seu reconhecimento como um menino abandonado que, se pouco sabia e participava, era muito.

De suas ações com o bando, a que mais se destaca foi a atuação em Queimadas, pela qual também cumpriria pena como culpado de todas as atrocidades que por lá ocorreram. Em Queimadas muitas versões são contadas, pois, como já havia sido comentado, existiram, para além de Volta Seca, outros cangaceiros que foram para a prisão e depois tiveram sua vida reconstruída, como é o exemplo de Ângelo Roque que, em sua declaração sobre o Massacre de Queimadas, pontua a forte participação de Volta Seca, relatando sobre a sua “sede” em sangrar as pessoas não só durante essa investida na cidade. Porém, novamente através de entrevistas realizadas, Antônio dos Santos se retira dessas afirmativas e cita apenas o “sangrar” como uma prática comum dos cangaceiros, novamente sem se incluir na lista dos praticantes.

Após esse período, sua relação com Lampião ia passando por dificuldades, e estava claro que ele sairia do bando, independente das vias, passavam a discutir e discordar com frequência, com Maria Bonita por muitas vezes entrando no meio para acalmar os ânimos. Decide sair dessa vida Volta Seca, a relação com seu padrinho tinha ido por água a baixo, estava decretado o fim, precisava fugir. Ao arrumar uma namoradina na Bahia, decide largar tudo e fugir com ela. Mal sabia que estava prestes a cair numa emboscada; em 1932, foi entregue aos policiais baianos, que logo reconhecendo o prisioneiro, decide levá-lo para Salvador, onde passará por estudos de biotipologia, análise das manifestações físicas e psíquicas, por Estácio de Lima, membro do Conselho Penitenciário do Estado da Bahia.

Através de seus estudos, advoga em favor de Volta Seca, examinado no Instituto Médico-Legal Nina Rodrigues. Estácio de Lima será o responsável pelo sucesso da soltura de Volta Seca após 20 anos enclausurado; Lavra um parecer para o presidente Eurico Gaspar Dutra pela libertação de Antônio dos Santos, consegue a liberdade condicional e o antigo Volta Seca passa a morar no centro do Rio de Janeiro, onde constrói sua família com quatro filhos e começa a trabalhar como servente na estrada de ferro Leopoldina. Será no Rio de Janeiro que deu suas famosas entrevistas e recebeu um convite de uma gravadora para reproduzir músicas cantadas nos acampamentos em um LP.

### 3.4 As “cantigas de Lampeão”

As oito músicas gravadas por Antônio dos Santos, o Volta Seca, tem o arranjo e direção do maestro Guio de Moraes e foi realizada pela *Todamerica records*, empresa paulista, criada em 15 de maio de 1945, com gravações realizadas até o ano de 1970. O álbum foi lançado em 1957 em um LP de 10 polegadas. Os ritmos se combinam entre baião, xote e xaxado, e, com a finalidade de não ser perdida a essência, não são utilizados instrumentos musicais que se distanciem dessa ideia do sertanejo, e do viés artesanal. As canções são interpretadas por Volta Seca e acompanhadas por um coro de mulheres em seu refrão, são músicas curtas e trazem a ideia de rima e cotidiano dos cangaceiros, suas brincadeiras, e trovas de amor. Ao início de cada música existe também a narração de Paulo Roberto.

Figura 2: Capa do LP.



Fonte: Forró em vinil, 2009.

Figura 3: Contracapa do LP.



Fonte: Forró em vinil, 2009.

A música que abre o álbum também introduz a história de Lampião e o amanhecer nos acampamentos, intitulada “Acorda Maria Bonita”. Cantiga curta, com as rimas bem estabelecidas, conectando a necessidade da alimentação matinal com a pressa em se locomover, objetivando a fuga das volantes, realidade muito comum nos acampamentos. A incumbência tradicional da mulher na sociedade patriarcal se mantém, portanto, apesar das diferenças entre o civil e o “bandido” – mesmo que não fosse de forma literal Maria Bonita a fazer o café.

[Paulo Roberto] Pouca gente no Brasil conhecerá um sertanejo baixinho, simpático e de cara fechada chamado Antônio dos Santos, mas todos já ouviram falar, com certeza, do famoso Volta Seca, o mais jovem dos cangaceiros do bando de Lampião (...)

[Volta Seca] Acorda Maria Bonita /levanta vai fazer o café /que o dia já vem raiando /e a polícia já está em pé.

É pontuado na música seguinte, intitulada “Laranjeira” que os cangaceiros arrumavam tempo para suas canções de amor, entre uma batalha e outra. Nas canções românticas também é possível ver o ressentimento, o sofrimento e angústias amorosas. Não será somente essa canção que apresentará as dores do coração; “Se eu soubesse” e “Escuta

donzela” também têm esse direcionamento. Observações que serão feitas pelo narrador na introdução de uma das músicas:

[Paulo Roberto] alguns eram sem dúvidas poetas e cantadores, e ao clarão da lua sertaneja, no intervalo dos combates, suas vozes falavam docemente de mulheres e de amor.

A canção seguinte, retrata o período das sangrentas batalhas em meio à caatinga, o encontro dos *cabras* com as volantes. Seguindo a ordem de narração sequenciada da música; aqui vemos a utilização do discurso de Paulo Roberto como forma de explicar a utilização de um termo presente que intitula essa faixa “Ia pra missa”.

[Paulo Roberto] Na cantiga seguinte, o grupo vai pra missa, que é um jeito de dizer que vai pra luta. Os batedores que vai na frente vigiando o caminho, são dois cães amestrados: Sereno e Gigante. Cujo faro denunciavam de longe a aproximação da polícia, ou seja, na linguagem dos bandoleiros, a presença dos macacos.

[Volta Seca] Ia pra missa/ia chorando/ e a polícia vinha atrás acalentando/mas deixa disso/deixa de brincadeira/mas a polícia veio tomar uma carreira.

Tinham, portanto, além das músicas de acampamento, sejam elas românticas ou contendo brincadeiras como é o exemplo de “Sabino & Lampião”, canções que cantavam em meio às trincheiras, músicas que apresentavam a coragem e misticismo juntos. O ir pra missa tem relação com a ideia de não saber como voltariam, com pagar ou levar alguém para resolver suas contas com o divino. É analisada na canção também, a presença de animais, os cachorros que farejam a presença dos policiais, fato apresentado por Volta Seca em uma de suas entrevistas.

A versão autêntica da conhecida música “Mulher Rendeira” é a 4ª faixa gravada por Antônio dos Santos e merece uma atenção especial, tanto do seu conteúdo, quanto das discussões sobre o seu real compositor já que, antes da gravação desse LP já circulava por entre as regiões, porém nenhuma com a letra apresentada a seguir.

[Paulo Roberto] E aqui Volta Seca apresentará a versão autêntica da mulher rendeira. Ao som dessa cantiga o bando de Virgulino Lampião atacou a grande cidade de Mossoró. Sem vencer, felizmente a resistência da polícia e do povo que reagiram juntos.

[Volta Seca] Olê mulher rendeira/olê mulher renda/ e a pequena vai no bolso/e a maior vai no embornal/se chorar, por mim não fica/só se eu não puder levar/o fuzil de Lampião/tem cinco laços de fita/no lugar que ele habita/não farta’ moça bonita.

Aqui foi apresentado a ideia compartilhada por Volta Seca e por demais cangaceiros das músicas que se cantavam nos combates, exemplificado por Paulo Roberto com o fatídico ataque em Mossoró, acima já comentado. Vale-se recordar que, em meados de 1926 Lampião e Volta Seca não tinham se conhecido ainda, portanto a ideia de uma situação foi utilizada pelo narrador como uma ferramenta de apresentar um combate conhecido por todos e a utilização da música. No conteúdo da canção vemos características de armamento e acessórios que compunham os trajes do cangaceiro. O embornal, o fuzil e a ideia de tamanho das armas. Assim como a presença já nesta canção da participação da mulher e sua escolha em acompanhar o bandoleiro pelo cangaço afora.

Em sua última faixa temos o Antônio dos Santos arrependido, a canção é uma mistura de música de amor com relato de sua infância e a perda dela ao entrar para o cangaço.

[Paulo Roberto] Durante 20 anos Volta Seca pagou na penitenciária da Bahia os pecados cometidos pela lei dos homens. As contas com Deus ele vai ajustando devagar, penando em alguns empregos dificilmente conseguidos. Vem do seu tempo de cadeia a lembrança das grandes sendo batidas pelo carcereiro em busca de fratura nas barras de aço. Foi nessa época que menino de 20 anos apenas Volta Seca chorou as mágoas da vida nessa cantiga emocionante.

[Volta Seca] Eu não pensei que eu tão criança/na flor da infância padecesse assim/ainda te vejo em braços de outro/arrependida/chorando por mim.

O relato apresentado no álbum e em sua entrevista representam essa mágoa acerca de sua condição, tanto do passado quanto do presente. Volta Seca, mesmo após a gravação do álbum seguiu sem melhorias e retorno financeiro, o que comenta na entrevista realizada por Bruno Gomes em 1958, pelo jornal O Globo: “*Infelizmente, apesar do sucesso que a gravação alcançou, chegou às minhas mãos pouco dinheiro, pois esse negócio de direito autoral, no Brasil, é muito pior que cangaço.*” (SOBRINHO, 1958. p.28).

### **Considerações Finais**

De menino abandonado a bandoleiro, Volta Seca conheceu as delícias e desprazes da vida no cangaço, revelando descontentamento com seu passado e futuro nas entrevistas concedidas. Com o fim dos 20 anos de prisão, agora não mais menino, tem em seu futuro pouco a galgar, encontra-se nas bebidas, fumos e apostas em rinhadas de galo. Os momentos finais da vida de Volta Seca se resumiram em boa companhia de sua família construída,

muito trabalho, apostas e vícios, motivação de seu enfisema pulmonar, devido ao uso constante de cigarros e tabaco, o que resultou em sua morte. Morre sem as glórias e benesses de suas produções, esquecido, restaram as suas entrevistas, cantigas e fotografias, além de testemunhas oculares de seus últimos anos.

O cangaço acaba com Corisco, o que se tem agora são os conceitos, o ideal de valentia e nordestino, além das inúmeras produções de filmes, novelas e contos que tentem descrever, de maneira mais romântica possível, o que esse período significou. As cabeças decepadas em 28 de julho de 1938 encontraram sua paz, através de um processo importante, com apoio de personalidades como Jorge Amado, por exemplo, há uma movimentação em encerrar o desfile macabro e devolver as cabeças aos seus familiares. A única herdeira de Lampião e Maria Bonita, junto de sua filha repassa as histórias, as missas ainda hoje se rezam na gruta do Angico, onde morreu o rei do cangaço. A fazenda Patos, local da vingança de Corisco é agora uma casa considerada mal assombrada e os ex-cangaceiros quase que não existem mais.

Falar sobre o cangaço em Sergipe representa uma repaginação da história até aqui, uma observação dos personagens sergipanos que da terra nasceram e seus feitos, sejam eles positivos ou não, mas que participam da história do Brasil, de um Brasil não tão diferente do que encontramos nos dias atuais; o abandono, a violência e escassez de amparo e assistência ainda se apresentam em nosso contexto. As infâncias perdidas através do crime, e a existência de uma rede de privilégios em detrimento de uma rede (com maior número) de desvalidos, também são cenários contemporâneos. Analisar esses contextos não remetem, nesse sentido, somente ao passado, é uma história presente, história vivida.

Para além das análises e conceitualizações, importante também foi a escolha de utilização da música como fonte para um conhecimento e desenvolvimento do pensamento histórico, pois, ela representa a história cantada da população, seus instrumentos, criação de versos, retrata o que se há de mais comum na história do mundo; a arte. A arte de fazer história através da combinação de ritmos, melodias e harmonia; a música. São fontes ricas de informações por ter um conteúdo que poderá ser analisado tanto da letra quanto da época, repercussão e bastidores. É infinito os meios em que a música pode ser utilizada no contexto de análises históricas. A relação com a música e o cangaço, como observado, não é algo organizado por nós, pesquisadores. É uma construção ancestral e presente na vida comum do sertão, o que foi realizado até aqui mais se refere à análise do contexto, assim como a apresentação de um personagem histórico que, através dela se pôs a luz, comprovando que a temática do cangaceirismo dispõe de vasto repertório de abordagens,

como a análise dos cangaceiros como indivíduos, seus inimigos e até seus maiores auxiliares, os coiteiros, conteúdo a ser debatido em um outro artigo. As diversas possibilidades cercam o cangaço e, é possível que seja por essas motivações que atraia diversos pesquisadores, pois todos têm um pouco a dizer sobre esse movimento, encerro incluindo-me neste inventário.

## Referências:

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. A invenção do nordeste e outras artes / Durval Muniz de Albuquerque Júnior ; prefácio de Margareth Rago. — 5. ed. — São Paulo: Cortez, 2011.

ACOPIARA, Moreira de. Lampião na trilha do cangaço. Ilustrado por Vicente Mendonça – Jandira, SP:Principis, 2022.

BEZERRA, Gilbamar de Oliveira. A derrota de Lampião. Natal (RN): Sebo Vermelho, 2010.

BLOCH, Marc. Apologia da história, ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRÁS, Carlos. O Cangaço em Sergipe Por: Carlos Brás. Blog. Disponível: <http://cariricangaco.blogspot.com/2014/10/o-cangaco-em-sergipe-por-carlos-bras.html>. Acesso em 26 de fev. de 2025.

BRITTO, Clovis Carvalho. Mulheres a ferro e fogo: reflexões sobre a musealização do cangaço. Artigos • Estud. hist. (Rio J.) 29 (57) • Jan-Apr 2016 •Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-21862016000100004>. Acesso em 24 de fev. de 2025.

CASCUDO, L. C. Vaqueiros e cantadores. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1984.

CUNHA, Euclides. Os sertões. Rio de Janeiro: Record, 2000.

Da vida para a história: reflexões sobre a era Vargas/org. Gunter AXT [ET AL.]. - Porto Alegre: Procuradoria – Geral de Justiça, Memorial do Ministério Público, 2005.

DAVIS, Mike. Holocaustos coloniais; tradução de Alda Porto. Rio de Janeiro – Record, 2002.

JATOBÁ. Matança. Intérprete: Xangai. In: CANTORIA 1. Intérpretes: Elomar, Geraldo Azevedo, Vital Farias, Xangai. [S.I.]: Kuarup Discos, c1984. 1CD. Faixa 12.

JESUS, Tânia Santos de. Ambiente urbano, qualidade de vida e (in)sustentabilidade em cidades locais : Nossa Senhora da Glória/SE. 2006. 151 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2006.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Tradução Bernardo Leitão; 5ª edição; Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2003; LEVI, Primo.

MARTINS, A. S. R. LÍNGUA E CULTURA DO BRASIL REFLETIDAS NA MÚSICA MELLO, Frederico Pernambucano de. Guerreiros do sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil. 5. ed. São Paulo A girafa. 2013.

MENEZES, Gilberto Serafim de. Representações do cangaceiro lampião e do cangaço no livro Lampião e volta seca em Itabaiana, de Robério Santos. 2018. 53 f. TCC (Graduação em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, Itabaiana, SE, 2018 .

PRATA, Ranulfo. Lampião: documentário. 2ª ed. São Paulo: Piratininga, 1933.

POPULAR. Intercâmbio, [S. l.], v. 13, 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/3965>. Acesso em: 21 mar. 2025.

SANTANA, Fernando Soares de. Entre chocalhos e abôios : Zé Branco em vaqueiro sergipano. São Cristóvão, SE, 2015. 1 CD-ROM Monografia (Bacharelado em História) - Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2015.

SANTOS, Antônio. Cantigas de Lampeão. Direção: Guio de Moraes. Autor: Antônio dos Santos. Narração: Paulo Roberto. São Paulo: Todamérica, c1957. 1 LP.

SILVA, Marcos Roberto da. O cangaço no contexto do governo Getúlio Vargas: Lampião, o alvo do cenário nordestino (1930-1938). 2022. 38 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação (História) Universidade Estadual de Goiás, Uruaçu - GO.

SOUZA, Felipe Trindade de. O cangaço como ofício : uma análise da cultura profissional e da carreira no bando de Lampião. Dissertação (pós-graduação em Sociologia) – Universidade Federal de Sergipe. Pág.105. 2020. Disponível em: <http://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/15707>. Acesso em: 15 jan. 2025.

RISÉRIO, Antônio. Uma história do Povo de Sergipe. Aracaju –SE. Seplan, 2010. 612 p.

### **Digitais**

AMARAL, Moisés Santos Reis. LIBERINO VICENTE E O CANGAÇO. 14 de ago. 2023. Artigo v. 2 (2023). Cangaço em Revista. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/cangacoemrevista/article/view/18229>. Acesso em: 26 de fev. 2025.

BARROS, José D'Assunção. Fontes Históricas: revisitando alguns aspectos primordiais para a Pesquisa Histórica. Mouseion, n. 12, mai/ago/2012, pp. 129/159 ISSN 1981/7207. Disponível em: [file:///C:/Users/pc/Downloads/sysop,+9\\_BARROS\\_Jose.pdf](file:///C:/Users/pc/Downloads/sysop,+9_BARROS_Jose.pdf) Acesso em: 17 de mar. 2025.

DOMINGUES, Petronio. O “CORISCO PRETO”: CANGAÇO, RAÇA E BANDITISMO NO NORDESTE BRASILEIRO. Articles • Rev. Hist. (São Paulo) (176) • 2017 • <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2017.119973> Acesso em: 04 de mar. 2025.

O cangaço na Literatura. VOLTA SECA É ESTUDADO NA CADEIA | SE | CNL | 1457. Youtube. 2 de fev. de 2024. 18:02. Disponível em: <https://youtu.be/-N1hKKTnKxk?si=owt2cYUldHECioZS>. Acesso em: 20 de mar. 2025.

O cangaço na Literatura. A MORTE DO CANGACEIRO VOLTA SECA | CNL | 1689. Youtube. 13 de mar. De 2025. 07:54. Disponível em: <https://youtu.be/w3ezInGr9b4?si=tHW3Tir5br43WfCt>. Acesso em: 24 de fev. 2025.

PERNAMBUCANO DE MELLO, F. Aspectos do banditismo rural nordestino. Ciência & Trópico, [S. l.], v. 2, n. 1, 2011. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/131>. Acesso em: 16 dez. 2024.

SILVA, Raymundo José da. Bandido e herói : o vingador do sertanejo no folheto de cordel. Artigo Cadernos do IL. Porto Alegre, RS. N. 45 (dez. 2012), p. 175-189. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/187292> . Acesso em: 25 jan 2025.